



Ciência & Saúde Coletiva

ISSN: 1413-8123

cecilia@claves.fiocruz.br

Associação Brasileira de Pós-Graduação em
Saúde Coletiva
Brasil

Sudo, Nara; Luz, Madel T.

O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais
Ciência & Saúde Coletiva, vol. 12, núm. 4, julho-agosto, 2007, pp. 1033-1040
Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
Rio de Janeiro, Brasil

Available in: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63012421>

- How to cite
- Complete issue
- More information about this article
- Journal's homepage in redalyc.org

redalyc.org

Scientific Information System
Network of Scientific Journals from Latin America, the Caribbean, Spain and Portugal
Non-profit academic project, developed under the open access initiative

O gordo em pauta: representações do *ser gordo* em revistas semanais

Fat people in the headlines: representations of *being fat* in weekly magazines

Nara Sudo¹
Madel T. Luz²

Abstract *Western culture places high value on slimness, based mainly on the discoveries of biomedicine that have transformed the fat body into a synonym not only of lack of health, but also a pejorative reflection of moral bankruptcy: a 'de-humanized body'. The purpose of this study was to analyze social representations of being fat through qualitative and interpretative analyses of fourteen cover stories published between 1997 and 2002 in Brazil by two weekly news magazines: VEJA and ISTOÉ. Through analyzing the bibliography and field materials, it examines the social representations of being fat today. This paper focuses on the concept of social representation and the ways in which this is used by the social sciences, leading to an understanding of why some issues - in this case the individual fat being - became more visible at a certain moment. These analyses show that the weekly magazines under analysis featured statements based on scientific and biomedical knowledge that legitimize the choice of a body type supposedly rated as 'ideal', viewed as synonymous with health, happiness and good cheer: the slim body. This brought fat under siege, with battle strategies being drawn up and - in the final analysis - falling back on being fat.*

Key words *Being fat, Social representations, Weekly magazine, Culture*

Resumo *A cultura ocidental valoriza a magreza, embasada principalmente pelas descobertas da biomedicina, que acabou por transformar o corpo gordo em sinônimo não apenas de falta de saúde, mas em um "corpo desumanizado", um caráter pejorativo de falência moral. Assim, o presente trabalho teve por objetivo analisar as representações sociais acerca do ser gordo, através de uma análise qualitativa e interpretativa de catorze matérias que foram capas de duas revistas semanais brasileiras: Veja e IstoÉ, entre os anos de 1997 e 2002. Buscamos, através da análise bibliográfica em conjunto com o material de campo, refletir sobre as representações sociais sobre o ser gordo na atualidade. O artigo privilegiou a utilização do conceito de representações sociais, tal como é utilizado pelas ciências sociais, por nos permitir compreender por que algumas questões - neste caso, o indivíduo ser gordo - ganham visibilidade em um determinado momento. Sobressaiu das análises que as revistas destacam depoimentos baseados no saber científico e biomédico que legitimam a escolha de um tipo de corpo caracterizado como supostamente "ideal", por ser considerado sinônimo de saúde, felicidade e alegria: o magro. Assim, um cerco à gordura é declarado e estratégias de "luta" são formuladas, recaindo, em última análise, sobre o ser gordo.*

Palavras-chave *Ser gordo, Representações sociais, Revistas semanais, Cultura*

¹ Rede Metodista de Educação do Sul. Rua Cel. Joaquim Pedro Salgado 80, Rio Branco. 90420-060 Porto Alegre RS. nsudo@uol.com.br

² Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Introdução

Não saía mais à noite por vergonha de seu corpo. Não pegava ônibus por medo da roleta. Ficou doente dos rins por causa da obesidade. Foi demitida do emprego e classificada como inapta por uma junta médica para ser merendeira do município mesmo tendo gabaritado as provas de seleção. Mas, em tudo que viveu, uma frase ficou gravada em sua memória: ‘Você é gorda por falta de vergonha na cara’. Era a frase repetida pelas pessoas que amava. – Um dia me olhei no espelho e pensei que era limitada para tudo, para amar, trabalhar, viver¹.

Em nenhuma época o corpo magro e esbelto esteve tão em evidência como nos dias atuais. O corpo nu ou vestido, exposto em diversas revistas femininas e masculinas, está definitivamente na moda; é capa de revistas e matéria de jornais. Revistas semanais brasileiras realizam constantemente matérias de capa abordando temas como: dieta; medo de engordar; estar/entrar em forma; a ciência em prol da saúde e do corpo, indicando, primeiramente, que questões envolvendo, direta ou indiretamente o corpo - e mais precisamente como evitar o corpo gordo - vendem, encontrando leitores ávidos pelo tema.

Vivemos em uma época de “lipofobia” associada a uma obsessão pela magreza e uma rejeição à obesidade², estigmatizando uma grande parcela da população excluída do imaginário da cultura ocidental. Partindo desta concepção, o ser gordo passa a ter um corpo visivelmente desmedido e sem saúde. Saúde que é aqui compreendida de acordo com a ordem biomédica de “normalidade/ patologia”, que ainda é hegemônica e serve como referencial na cultura ocidental³.

Ao ser gordo recaem representações de uma pessoa que não se enquadra no modelo dominante na atualidade, imposto a partir da égide científica, que ao equacionar excesso de gordura à doença, traz para esta parcela da população uma culpabilização de si – por não ter alcançado uma silhueta magra para as mulheres e musculosa para os homens – difícil de ser encarada⁴.

Sendo assim, neste trabalho discutimos as imagens, sentidos e representações acerca do ser gordo na atualidade, através de uma análise qualitativa e interpretativa de catorze matérias que foram capas de duas revistas semanais brasileiras: *Veja* e *IstoÉ*. Para a escolha das revistas, foram consideradas as expressões de venda, obtidas no Instituto Verificação e Circulação - IVC. De acordo com o IVC, cada uma vendeu em média, no último semestre de 2003, respectiva-

mente 1.095.034 e 361.345 exemplares. Uma revista voltada exclusivamente para o tema **corpo**, como a **Boa Forma**, tem uma circulação média de 200.000 edições.

Optamos também por trabalhar com as matérias de capa por entendermos que as imagens e legendas aí impressas assumem um caráter indutivo, constituindo-se em um conjunto, que nos diz o que devemos ler⁵.

As escolhas das matérias das duas revistas ocorreram por uma similitude das linhas editoriais e a existência de uma unidade temática; somando-se a isso, foi levada em consideração a questão da coerência dos conteúdos, quando comparados entre si. Este, e não por uma questão de periodização, foi o fio condutor para a análise do material, permitindo que o estudo seguisse uma perspectiva comparativa.

Como resultado, analisamos sete duplas de notícias publicadas entre 1997 e 2002. As reportagens pesquisadas foram: 1º par: **Comer sem engordar** (*Veja*, 21/10/1998) e **Dieta Nunca Mais** (*IstoÉ*, 06/10/1999), com o tema geral: a reeducação alimentar, associada a novos remédios para emagrecer, como aliados na perda de peso: “o cerco à gordura se aperta”. 2º par: **Dieta sem fome** (*Veja*, 28/02/2001) e **Vire a mesa** (*IstoÉ*, 17/04/2002), com o tema geral: os diversos tipos de dietas e programas para emagrecer como “estratégias de luta” para vencer a obesidade. 3º par: **Golpe nos gordos** (*Veja*, 24/09/1997) e **Não morra pela boca** (*IstoÉ*, 21/07/1999), com o tema geral: as descobertas científicas, ora proibindo substâncias até então utilizadas em remédios para emagrecer, ora inocentando “vilões da saúde”, como o colesterol, na alimentação. 4º par: **A guerra das dietas** (*Veja*, 19/04/2000) e **Dietas da moda** (*IstoÉ*, 13/01/1999), com o tema geral: os diferentes tipos de dieta para emagrecer: ataques e defesas. 5º par: **Saúde e vitalidade dos 8 aos 80** (*Veja*, 11/07/2001) e **Viva bem aos 100** (*IstoÉ*, 16/01/2002), com o tema geral: resultados de estudos inéditos evidenciando que “os hábitos são decisivos para uma vida longa e feliz”. 6º par: **A ciência da boa forma** (*Veja*, 28/11/2001) e **A febre do fitness** (*IstoÉ*, 26/05/2000), com o tema geral: a ciência como aliada da boa forma, que pode ser alcançada sem perda de tempo. 7º par: **O medo da balança** (*Veja*, 04/02/1998) e **Obesidade** (*IstoÉ*, 20/10/2000), com o tema geral: a luta contra a gordura corporal “se tornou uma obsessão mundial”.

Este tipo de análise comparativa mostrou-se relevante, pois como salientou Bourdieu⁵, os produtos jornalísticos são homogêneos, expostos e dominados pela lógica da concorrência que aca-

ba por homogeneizar, gerando uma similaridade dos produtos; é o chamado “jogo de espelhos”.

Um outro aspecto importante para a escolha das revistas foi a de que elas possuem como principal público leitores de uma mesma classe social, ou seja, pessoas incluídas em uma mesma categoria de um grupo de indivíduos, tendo por critérios aspectos socioeconômicos descritivos como renda, ocupação e educação⁶.

As diferenças que cada grupo social tem ao se relacionar com o corpo, com a dietética, exprimem não só as questões econômicas, mais principalmente as regras e valores que regem cada classe social⁷.

Destarte, ao estudarmos as imagens atribuídas ao ser gordo e ao seu corpo, buscamos analisar como são elaboradas as percepções sobre esta parcela da população gerando representações sociais que assumem, então, um caráter coletivo e enfatizar como os discursos são construídos acenando para o que serve de suporte para os valores culturais dominantes - em relação ao corpo - na sociedade contemporânea.

O corpo na mídia

A mídia é aqui entendida como um sistema cultural complexo que possui uma dimensão simbólica que compreende a (re)construção e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produziu (os media) como para quem os consome (leitores, telespectadores)⁸. Ela tem um papel fundamental nesse processo ao enfatizar ao mesmo tempo uma capacidade de consumo associada a uma crescente responsabilização do indivíduo perante o seu corpo. Embutidos de investimentos sociais, o que se vende é a possibilidade de se permanecer vivo e belo: “o corpo consome a si mesmo”⁹.

Se você está sozinho no quarto fique à vontade e vá para a frente do espelho. Esta é a hora da verdade. Muito provavelmente você não está contente com o que vê. Os pneuzinhos nos flancos, o abdome flácido, os braços finos, as pernas rechonchudas – nada disso combina com a imagem que gostaria de ter e desfilar na praia ou na piscina. Mas não desanime. Dá para melhorar bastante seu corpo se você se dispuser a malhar imediatamente¹⁰.

As revistas *Veja* e *Istoé* dedicam extensas reportagens sobre o ser gordo e abordam o tema, muitas vezes, de maneira contundente. Destacam-se, nessas matérias, entrevistas e relatos de pessoas que eram gordas e conseguiram emagrecer,

estatísticas associando o excesso de gordura a inúmeras doenças e fotos dos chamados, agora, ***ex-gordos***. Não raro, surgem imagens de mulheres vestindo biquínis ou roupas curtas, muitas vezes pessoas famosas, e homens com o tórax desnudo. Vejamos, por exemplo, o caso de Érika:

Foi com a ajuda de seu endocrinologista que a advogada carioca Érika Valente, 31 anos, emagreceu 15 quilos. – Aprendi estratégias. Hoje peço pizza de mussarela em vez de calabresa [...] Recuperei minha auto-estima e voltei a usar biquíni (a frase é acompanhada por uma foto à beira da piscina)¹¹.

As reportagens, de maneira pretensiosamente neutra, vendem, ao tomar emprestado o discurso científico dos especialistas, a obtenção de uma “perfeição estética”¹². E, quando o assunto é saúde, imperam nas circulações de informação concepções médico-científicas, instaurando um processo de associar o científico à verdade onde os meios de comunicação de massa exercem papel fundamental¹³.

Nesta ditadura da magreza, a mulher é mais atingida do que os homens¹⁴. Os conselhos de beleza propalados são destinados na sua maioria às mulheres; todavia, uma fatia do mercado masculino já é permeada por estes conselhos, principalmente, no que tange aos regimes e à ginástica¹⁵.

Isto nos remete à análise das capas. A imagem do corpo é precisada e difundida nas capas, ilustradas, na grande maioria, por mulheres jovens e belas cujos corpos incitam ao emagrecimento e determinam o aspecto que o corpo deve ter. Muitas vezes, as expressões utilizadas nas suas chamadas, como por exemplo ***Golpe nos gordos*** (*Veja*, 24/09/1997) ou ***O medo da balança*** (*Veja*, 04/02/1998), em conjunto com as fotos ali impressas: silhuetas de mulheres desnudas; imagens que se confrontam como o gordo ***versus*** o magro, fazem menção direta ao tema.

Dessa maneira, percebemos que as capas funcionam no sentido de sugerir e estimular o leitor à compra da revista, apesar de ninguém poder obrigá-lo. A lógica da persuasão se impõe como um mecanismo para atender às necessidades que operam e são dominantes na sociedade atual. Neste sentido, as revistas, ao abordarem temas como o surgimento de novos medicamentos utilizados no tratamento para emagrecer antes mesmo de sua comercialização no Brasil - como o agente farmacológico derivado da lipstatina (***Comer sem engordar*** - *Veja*, 21/10/1998), até a obtenção, em tempo recorde, de silhuetas “bem menos roliças e com musculatura mais rija e definida” (***A ciência da boa forma*** - *Veja*, 28/11/2001), estariam ten-

tando dar reposta a angústias que o excesso de peso representaria para um indivíduo, e que muitas vezes são difundidas pelos próprios meios de comunicação que utilizam um discurso da saúde para impor um padrão de beleza:

Como se sabe, quilos a mais não maculam somente a estética. Eles aumentam as chances de doenças cardiovasculares, diabetes e lesões articulares entre outros problemas¹¹.

O gordo em pauta!

O corpo está incessantemente exposto ao olhar e discurso dos outros; é o corpo a ser percebido. Na atualidade, o indivíduo gordo apresenta um atributo que o torna diferente de outros, sendo considerado uma pessoa com uma característica que o marca negativamente: ***Nada de errado com a aflição que as pessoas demonstram por ter uma manta de gordura que as coloca em desacordo com os padrões estéticos em vigor***¹⁶. O ser gordo passa a ser encarado como um indivíduo que carrega um “estigma”, um conceito assim definido:

Um atributo que o torna (o estranho) diferente dos outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem¹⁷.

O gordo surge, em algumas reportagens, opondo-se ao obeso, que é considerado uma pessoa doente. Porém, é possível perceber que há uma ambivalência em relação aos termos utilizados entre os que possuem os “quilos indesejados” e os que são enquadrados como doentes. Gordo, roliço, gordinho, gordão, gorducho, rechonchudo, balofo e obeso acabam por definir uma mesma pessoa.

Que se faça aqui a diferença entre gordos e obesos. Pesadas são pessoas com índice de massa corpórea (IMC) entre 25 e 30. Obesas, as que apresentam IMC superior a 30 (e a obesidade é) um problema estético que se converte em mal orgânico apenas se em excesso, ou quando acompanhada de sedentarismo e doenças preexistentes¹⁸.

Quem já foi à Disney World percebe com clareza que se os americanos não viajassem para fora do país poderiam pensar que pesar 120 quilos é normal. É uma constante entre os moradores de países

ocidentais desenvolvidos e daqueles em desenvolvimento que copiam o modo de vida americano. Na população brasileira, 40% encontram-se acima do peso. Desses, 11% são obesos, ou seja, gordos para quem carregar quilos a mais gera prejuízos à saúde¹⁹.

Distingue-se na análise, o caráter subentendido do corpo ideal e que muitas vezes na sua busca acaba por gerar uma sensação que na maioria das vezes não é pautado pelo peso na balança, mas pela noção subjetiva do estar gordo.

Tal questão aponta para uma eterna insatisfação com a imagem corporal, muitas vezes induzida pelas reportagens, ocasionando uma negação e insatisfação com o próprio corpo traduzido em uma “ruptura entre si e o que se exige de si”, revelando insatisfações permanentes, uma tradução da opressão social que surge mesmo quando apenas o indivíduo e o espelho estão em cena¹⁷.

Todo dia ela faz tudo sempre igual. Defronte do espelho, enquanto se veste para ir ao trabalho, avalia milimetricamente a curvatura da barriga, confere a linha dos culotes, compara o volume das pernas diante das formas de gazela da modelo da capa da revista. Checa a densidade dos seios e nádegas e conta o número de buraquinhos da celulite. O exame é meticuloso e o resultado sempre condenatório: - Preciso emagrecer¹⁸.

As pessoas que apresentam “horrorosos pneus” expressariam, através de sua forma física, uma série de informações: um indivíduo sem controle, sem disciplina que não resiste aos prazeres da vida como o comer e o beber.

Num período de até cinco anos, 97% recuperam a velha forma roliça. Isso significa que, independentemente da dieta que se escolha, é preciso saber que o sacrifício tem de ser feito continuamente. Caso contrário, os quilinhos indesejáveis vão voltar a incomodar e não haverá doutores Atkins ou Ornish que dêem jeito¹⁹.

O processo de experiência de aprendizagem da condição do ser gordo, em geral, é semelhante para todos que carregam tal estigma, e exigiria ajustamentos pessoais. Uma das fases no processo de socialização seria aquela em que a pessoa estigmatizada:

aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular. Uma outra fase é aquela na qual ela aprende que possui um estigma particular e, dessa vez detalhadamente, as consequências de possuí-lo¹⁷.

A existência do gordo faz surgir a idéia, nas reportagens, de que há na sociedade os “normais”,

aqueles com um corpo magro, fazendo com que todos expressos na categoria do gordo passem por um processo de aceitação¹⁷. O indivíduo que apresenta algum atributo que o faz não ser aceito socialmente buscará opções para “corrigir” diretamente o defeito, seja através de plásticas, uso de remédios, etc. A partir de tal atitude, pode-se dizer, sim, que há uma aquisição de *status* normal, acompanhado de uma transformação no ego, “alguém que tinha um defeito particular se transforma em alguém que tem provas de tê-lo corrigido”¹⁷, revelando que para escapar de uma situação angustiante, os estigmatizados chegam aos extremos para corrigir sua condição:

*As cirurgias do estômago são as formas mais contundentes contra a obesidade, mal que coloca as vítimas na berlinda. A cobrança por uma silhueta perfeita beira o insuportável*⁰.

O século da saúde!

A saúde transformou-se, no século XXI, em uma *utopia*, um projeto de caráter universal denominado de a “Grande Saúde”²¹. O homem perfeito é pensado, liberto dos inimigos que estão em toda a parte, em nossos genes, nas cidades poluídas, nas drogas, no colesterol. *Saúde perfeita como objetivo e como meio. Saúde para a vida. Mas também viver para estar em saúde. Viver para fazer viver as biotecnologias e as tecnologias da ecologia, sem as quais a Grande Saúde não existiria*²¹.

Deste século, presenciamos uma verdadeira caça à saúde, sempre baseada em falas de especialistas ou em resultados inéditos³. Um estilo de vida é, então, reforçado por representar saúde que por sua vez se reflete no corpo:

*[...] tanto agentes institucionais, como grupos sociais tendem a afirmar que o fundamental é adquirir, ter, conservar, promover a ‘saúde’, ou ‘mantê-la em forma’. A caça à saúde tornou-se, no presente, um verdadeiro mandamento para os cidadãos de todas as classes, todas as idades, ocupações e gêneros*³.

O corpo magro surge sempre como referencial, o objetivo a ser alcançado não em nome de uma estética ou de uma escolha social, mas sim em nome do ter saúde; deve-se estar atento aos menores sintomas físicos:

Mário Matsukura Júnior, 23 anos, de São Paulo. Ele pesa 82 quilos, cultiva uma barriguinha e não abre mão das sobremesas. Para perder quatro quilos, quer diminuir as idas a restaurantes - em

*média, vai quatro vezes por semana: - Um dos meus maiores prazeres é comer bem, admite*²².

Sob a égide da saúde, a sociedade civil é chamada a combater o mal do século: o excesso de peso: “O cerco à gordura se aperta. Nunca se conheceu tanto as raízes da obesidade”¹¹. Os especialistas repensam “as estratégias de luta”:

*[...] diz o comunicado do FDA (sigla do departamento americano que regula a venda de alimentos e remédios no país) que acabou com a mais eficiente forma de emagrecer já produzida pela medicina. Com a proibição da venda (dos remédios a base das drogas dexfenfluramina e fenfluramina), chegou também ao fim o sonho de conquistar um corpo esbelto com a ajuda de uma pilula comprada na farmácia da esquina*¹⁶.

Em nome do adquirir saúde, de ter um corpo magro, o indivíduo deve ser enquadrado em programas de emagrecimento, que apesar de serem chamados de flexíveis, não comportam mais o prazer, exigem disciplina e persistência. Neste esquema de emagrecimento da sociedade ocidental, impera um hedonismo, misturando o prazer a uma disciplina²³:

*(a nutricionista) afirma que muita gente não quer abrir mão de prazeres (como a gordura e o doce), preferindo viver menos a ser comido à mesa. - A questão não é essa. Não cuidar da alimentação significa mais do que viver menos. Significa viver pior; alerta a nutricionista Maria de Fátima Marucci*⁴.

As pessoas que estão *tentando* emagrecer devem negar os convites a restaurantes, os jantares à luz de velas, os presentes como caixa de bombom, pois estes não significam mais um convite à socialização, ao romance; ao contrário, indicam que o gordo está sendo “vítima de pessoas ou circunstâncias engordativas”:

O psiquiatra Artur Kaufman, do Projeto de Atendimento ao Obeso do Hospital das Clínicas de São Paulo (HC/ SP), aponta a existência do parceiro, da casa, do amigo, do trabalho engordativos. São pessoas ou circunstâncias que estimulam o indivíduo a engordar. É o marido que presenteia com bombons a esposa que acaba de perder um quilinho, o amigo que convida o outro para uma bela picanha mesmo sabendo de sua luta contra a balança, a cantina da empresa que só oferece pratos calóricos[...] ²².

Deve-se vencer as tentações, resistir as delícias do comer bem, em nome de ter um corpo divulgado como perfeito e saudável.

É uma batalha que exige privações e sofrimento. Quase 60% das entrevistadas fazem dieta para

*perder peso. Abriram mão da sensação de saciedade e não conseguem olhar sem culpa para um bolo de chocolate*¹⁸.

*[Ao aderir ao programa de emagrecimento do Dr. Atkins] não existe aquela sensação constante entre os que fazem dieta de que se está perdendo uma das dimensões da vida que é comer bem*¹⁹.

Nessa busca pela saúde, nota-se que as atividades são ressignificadas como o esporte, a dança, o namoro, as relações sexuais, o alimentar-se, o dormir, o trabalhar. Se em outras épocas eram entendidas como atividades lúdicas, de lazer ou recreação, ou mesmo eróticas, são agora entendidas como “práticas de saúde”³.

*As emoções também merecem atenção. No processo de envelhecimento, fatores como a depressão, stress e ansiedade encurtam a longevidade. Essas situações comprometem a qualidade de vida, implicando riscos à saúde. Para combatê-las, é fundamental valorizar os sentimentos positivos [...] A prática do sexo promove dois benefícios em qualquer idade: emocional e orgânico [...] O ginecologista Nelson Vitiello, da Sociedade Brasileira de Estudos da Sexualidade, explica que o relacionamento pressupõe algum tipo de atividade física. Por isso, ajuda a perder peso*²⁴.

De maneira coercitiva, o sujeito é intimado a seguir um determinado padrão de comportamento, que o fará alcançar a *utopia* chamada saúde²¹:

*A megapesquisa do Brigham and Women's Hospital detectou sete comportamentos sobre os quais é possível ter controle pessoal e que, se adotados antes dos 50, são decisivos para a boa saúde física e mental depois dos 65. São eles: parar de fumar; beber com moderação; controlar o peso; fazer exercícios físicos com regularidade; concluir os estudos; manter um casamento estável e desenvolver um modo eficaz de lidar com o stress*²⁵.

Há na cultura contemporânea, pautada pelos valores dominantes na sociedade, um conjunto de representações como o individualismo, a competição, o consumismo e *o cuidado do corpo como unidade central (e muitas vezes única) delimitadora do indivíduo em relação aos outros, bem como de estratégias de valorização deste corpo para obter; a partir dele, dinheiro, status e poder*²:

*Para seguir adiante, é preciso que você encare o exercício físico não apenas como obrigação. Ele deve ser também um divertimento. Está certo que é difícil encarar uma esteira como uma opção de lazer. Mas, se você competir consigo mesmo na ginástica, tudo fica mais fácil. Crie objetivos a ser superados. E não fique com vergonha de avaliar os resultados ao espelho. É o tipo de narcisismo estimulante*¹⁰.

A estética tornou-se mais do que a racionalidade

médica, o critério sociocultural de determinação do ter saúde³. Esta determina também se o sujeito precisa exercer alguma “atividade de saúde”, conter sua alimentação ou submeter-se a uma cirurgia estética:

*Eficazes como nenhuma outra droga antes delas (a dexfenfluramina e fenfluramina), esses remédios vinham se tornando uma espécie de cosmético. Seu uso se relacionava mais com a beleza do que com a saúde*⁶.

É preciso acrescentar que a noção de comedimento se impõe como um mandamento da saúde, pautado por um padrão rígido de boa forma do corpo. Deriva destas representações que as práticas de saúde estão atravessadas por representações estéticas do corpo, ancoradas nos valores dominantes já mencionados. Apesar de não serem os únicos valores presentes na sociedade, podemos apontar que o consumismo, o sucesso, o *status* associado a um “corpo saudável” e em forma, entre a classe média, são valores dominantes. O corpo representa, neste caso, um bem material, um investimento que deve ter retorno. *Fica patente, neste contexto, que o corpo individual ‘modelado’ é o centro do universo simbólico deste público, independente até de gênero*³.

Nos meios de comunicação de massa, há uma ampla divulgação da idéia de que atividade física produz saúde, e que é assim apreendida pelo senso comum, e através da evocação do discurso da ordem biológica e sua neutralidade, são ocultadas as ligações entre a indústria cultural, a moda e o mercado, estando todos ligados a um determinado tipo de beleza corporal²⁶.

*A tendência (de incorporar a atividade física no dia-a-dia) está fortemente calcada no objetivo de ganhar um corpo bonito – obsessão mundial – mas aumenta o número dos que procuram o fitness para melhorar a saúde do corpo e da mente. Os malhadores se baseiam principalmente nas pesquisas, comprovando que malhar ajuda a controlar doenças, eleva o ânimo e ainda combate o stress. Os especialistas comemoram o momento*²⁷.

As biociências na legitimação de um corpo perfeito!

As matérias divulgam que, se há aqueles que são diferentes do padrão estético vigente na cultura contemporânea, há também inúmeras maneiras para que todos sejam enquadrados nele, cabendo às revistas, de maneira pretensiosamente neutra, disponibilizar tais informações, seja através da fala de especialistas, de resultados de pesqui-

sas ou de novas descobertas científicas. O frequente recurso à ciência e ao saber da biomedicina imputaria ao indivíduo um determinado tipo de corpo como algo natural. E, para aqueles que se opusessem, ao naturalmente dado, sobraria uma escolha permeada pela culpa:

Ganha-se peso, desperdiça-se dinheiro. O custo social de tanta gordura é indigesto. Em 1995, nos Estados Unidos, os gastos relacionados a problemas de saúde decorrentes da obesidade quase chegaram a 100 bilhões de dólares. Por causa dos quilos extras, despendem-se anualmente 11 bilhões de dólares com o tratamento de doenças cardíacas e 22 bilhões de dólares com o diabetes. Queda de produtividade no trabalho é outro problema associado à obesidade. E a gordura influi tremendamente na longevidade do ser humano [...] Um cálculo feito pelo governo americano mostra que, se os rechonchudos perdessem apenas 10% de seu peso em média, o orçamento do sistema americano de saúde poderia ser reduzido em 3 bilhões de dólares²⁸.

Uma análise sugere a existência de uma reprodução nas informações que favoreceriam a opressão em relação a um tipo de indivíduo que possui no seu corpo um marca que o põe em oposição a um corpo considerado ideal, belo e saudável. Desta maneira, através de muitos investimentos, é possível alcançar a saúde, imputada como um *dever* do indivíduo.

Por conseguinte, as biociências assumem, nas matérias, um papel de legitimar a imposição de regras e normas de comportamento que seriam apropriadas e impostas de forma autoritária, fundamentando seus discursos no campo biomédico:

Até dez anos atrás, freqüentar uma academia para entrar em forma rápido, a ponto de fazer diferença ao espelho, era jogar dinheiro fora. Deixou de ser graças aos avanços nas áreas da fisiologia do esporte e da nutrição e ao aprimoramento dos aparelhos de ginástica. Dez ou doze semanas agora é tempo suficiente para tonificar os músculos, firmar a barriga e diminuir a quantidade de gordura¹⁰.

Vê-se delinear um dos aspectos considerados como um dos mais perversos neste processo de estigmatização do gordo: a noção propagandeada pelos meios de comunicação da existência de um corpo perfeito e que é fácil de ser adquirido, basta querer¹⁴. O gordo passa a ser encarado

como possuindo um corpo intolerável, em uma sociedade em que todos os meios de se alcançar este corpo perfeito são divulgados: “E, se dinheiro anda curto para a academia, é possível seguir um programa de exercícios efetivo em casa ou no salão de seu prédio”¹⁰.

Considerações finais

Interpretamos os principais discursos e sentidos veiculados nas reportagens das revistas semanais *Veja* e *IstoÉ* associados ao corpo. As matérias, através de uma suposta neutralidade e de uma legitimação a partir de descobertas das biociências, enfatizam a necessidade do indivíduo em ter saúde que é equacionada ao “entrar em forma” e não apresentar os “quilos em excesso”. Desta maneira, nossos corpos se tornam produtos dos discursos que dão consistência simbólica à vida social:

A ânsia contemporânea pela eterna juventude produziu, de fato, corpos que permanecem jovens por muito mais tempo. A tecnologia, a medicina, a boa alimentação, os manuais de vida saudável, tudo isso contribui para o rejuvenescimento dos corpos; mas o apelo social para que permaneçamos jovens e a difusão de um estilo jovem de vida para todas as faixas etárias têm mais efeito sobre os corpos do que todas as vitaminas e academias de cultura física²⁹.

A velhice é aterradora quando o tempo vivido não tem valor. O mito da eterna juventude, no limite, tende a produzir corpos sem história, dos quais queremos apagar com o auxílio da medicina, todas as marcas do passado. Fica explícito que, na atualidade, possuir um corpo magro, jovem e em forma exige um investimento que está longe de ser natural, como gostam de sugerir as reportagens.

Para se alcançar este tipo de corpo, associam-se remédios, com substâncias cada vez mais potentes, exercícios físicos, o fim de prazeres à mesa, de “companhias engordativas” e um basta às tentações alimentares. Reeduca-se, disciplina-se, controla-se e a recompensa será um corpo que antes de ser saudável, não é mais vulnerável, não tem mais os “pneus”, a barriga que denuncia um culto a um tipo de prazer que é, em grande parte, negado na sociedade contemporânea.

Colaboradores

N Sudo participou na elaboração, análise e interpretação dos dados. MT Luz orientou a dissertação que deu origem ao presente trabalho, colaborou na revisão para publicação e na reelaboração de trechos do artigo.

Referências

1. A gordura destruiu minha vida [depoimento de Mônica Silva Costa]. *O Globo* 2003 Jan 19.
2. Fischler C. Obeso benigno, obeso maligno. In: Sant'Anna DB, organizador. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade; 1995. p. 69-80.
3. Luz MT. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais*. São Paulo: Hucitec; 2003.
4. Sudo N. *Diga-me quanto pesas e te direi quanto vales: um estudo sobre representações do gordo em revistas contemporâneas* [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Instituto de Medicina Social; 2004.
5. Bourdieu P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1997.
6. Velho G. *Individualismo e cultura notas sobre uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1987.
7. Boltanski L. *As classes sociais e o corpo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal; 1984.
8. Medrado B. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: Spink MJ, organizador. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2000. p.243-271.
9. Vaz P. Corpo e risco. In: Villça N, Góes F, Kasovski E, organizadores. *Que corpo é esse? Novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad; 1999. p.159-175.
10. A ciência da boa forma. *Veja* 2001 Nov 28.
11. Dieta nunca mais. *IstoÉ* 1999 Out 06.
12. Goldenberg M, Ramos MS. A civilização das formas: o corpo como valor. In: Goldenberg M, organizador. *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record; 2002. p.19-40.
13. Camargo JRKR de. *Biomedicina, saber e ciência: uma abordagem crítica*. São Paulo: Hucitec; 2003.
14. Brown PJ, Bentley-Condit VK. Culture, evolution and obesity. In: Bray GA, Bouchard C, James WPT, organizadores. *Handbook of obesity*. New York: Marcel Dekker; 1997. p.143-155.
15. Sant'anna DB. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: Sant'Anna DB, organizador. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade; 1995. p.121-140.
16. Golpe nos gordos. *Veja* 1997 Out 24.
17. Goffman E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC; 1988.
18. O medo da balança. *Veja* 1998 Fev 04.
19. A guerra das dietas. *Veja* 2000 Abr 19.
20. Obesidade. *IstoÉ* 2000 Out 02.
21. Sfez L. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Edições Loyola; 1996.
22. Vire a mesa. *IstoÉ* 2002 Mar 17.
23. Courtine J. Os stakhanovistas do narcisismo: bodybuilding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: Sant'Anna DB, organizador. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade; 1995. p. 81-114.
24. Viva bem aos 100. *IstoÉ* 2002 Jan 09.
25. Saúde e vitalidade dos 8 aos 80. *Veja* 2001 Jul 11.
26. Carvalho YM. *O "mito" da atividade física e saúde*. São Paulo: Hucitec; 1995.
27. A febre do fitness. *IstoÉ* 2000 Mai 26.
28. Comer sem engordar. *Veja* 1998 Out 21.
29. Kehl MR. As máquinas falantes. In: Novaes A, organizador. *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras; 2003. p. 243-259.